

CONGRESSO SOROCABA 2007

JOVENS E FAMÍLIAS DO SÉCULO XXI

Meu nome é Lisette Weissmann. Formei-me no Uruguai, onde participei de uma equipe que atendia famílias e casais no “Hospital Pereira Rosell”, único hospital pediátrico do país. Mais tarde, fundamos a “Asociación Uruguaya de las Configuraciones Vinculares”. Também trabalhei por 16 anos em uma escola secundária como coordenadora do departamento psicológico da escola.

Mudei-me para o Brasil, onde iniciei um trabalho clínico com famílias na UNIFESP, continuando-o no consultório.

Apresentação dos integrantes do workshop: cada um fala o nome e o trabalho que faz ou a formação; apontar o que o fez se interessar pelo workshop; o próximo diz o nome e o trabalho de cada uma das pessoas que o antecederam, e adiciona o seu.

Por que aceitei vir ao congresso?

Sinto uma grande alegria por voltar a pensar nos adolescentes e por poder transmitir minha experiência de trabalho perto deles.

Para mim, é importante trabalhar em forma de workshop, pois garante a troca com outro, o que permite ir construindo um conhecimento com os outros. Discordo de posturas em que uma pessoa detém todo o conhecimento, uma vez que parto da idéia de que as conceituações se constroem com outro em interação. Quero escutar de vocês como é o contexto das famílias com que vocês trabalham, porque em esse contexto é que surgem as suas inquietações. Os conhecimentos preexistentes são suportes, mas podem, muitas vezes, impedir a criação de novos. Por isso, tentaremos construir entre todos, um conceito da família do século XXI.

Partindo do conceito de acontecimento de Badiou. Só saberemos depois se foi cumprido o efeito de constituição de algo novo para complementar os conceitos que já trazemos.

Tentaremos quebrar paradigmas pessoais internos que às vezes funcionam como impedimentos para novas reflexões.

Parto também do conceito de investigador inserido no campo de investigação; o investigador também é perturbado e incluído no campo em que ele atua. Não existem mais situações anti-sépticas e objetivas. Minha posição se baseia em um olhar em situação, comprometida, interferida, em interação-interatuando.

O acontecimento só se delineia em cena com o outro, na possibilidade de se constituir no encontro, na intersecção, no vértice entre o eu e o outro.

Congresso sobre Juventude, eu fui chamada para falar de Família que é uma de minhas aproximações ao trabalho psicológico, pensei em Famílias com jovens, os jovens e suas famílias, as famílias dos jovens. Esse será o objetivo de nosso trabalho. Para tais fins vamos nos dividir em pequenos grupos com textos que podem ajudar, ou não, a fazer uma chuva de idéias sobre o tema. Deixaremos isso registrado nas cartolinhas para partilhar quando o trabalho dos pequenos grupos tinha acabado. Vou passar um poema para nos dar inspiração.

Provérbios e Cantares

Machado, Antonio.

Caminhante, são teus rastos
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há-de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

FRASES

1. “Yo no soy el otro,
Pero no puedo ser sin el otro”.
“Eu não sou o outro,
Mas, não posso ser sem o outro”.
Emmanuel Levinas.
2. A fim de transpor as dificuldades de modo a garantir a qualidade necessária para a vida adulta, o jovem necessita de parceiros que o ajudem a construir formas adequadas de superação das incertezas e dos conflitos advindos das novas experiências corporais e relacionais. Portanto, somos todos co-participes desse processo.

3. O adolescente provoca uma verdadeira revolução em seu meio familiar e social, e isto cria um problema de gerações nem sempre bem resolvido.
4. Entrar no mundo adulto significa desprender-se do seu mundo infantil, tarefa que deverá acontecer gradativamente e para a qual o adolescente não está preparado. A aceitação, ou não, das instabilidades desta fase evolutiva, bem como a forma pela qual os adolescentes são acolhidos, determinará a qualidade do novo cunho de inter-relações.
5. Percebemos a ausência dos adultos advinda do acúmulo de trabalho. Decorre daí uma disponibilidade escassa de tempo para as relações pessoais, principalmente no âmbito familiar. Essa ausência, mesmo que involuntária, leva o adolescente/jovem a estabelecer outros laços em sua comunidade, muitas vezes até comportamentos de risco.
6. O prolongamento da juventude advém das exigências postas pelo mundo do trabalho, que cada vez mais, requer maior e melhor qualificação profissional. Assim os jovens viram eternos estudantes, dependentes financeiros de seus pais até idades avançadas, não tendo oportunidade de adquirir uma autonomia e independências necessárias para o acesso à vida adulta.

“Os avós, os grandes esquecidos da sociedade, são as novas figuras familiares de nosso tempo”. No entanto, as mudanças dos laços familiares e a vulnerabilidade que tinge as famílias demandam novos papéis, novas exigências para essas figuras, personagens que cuidam da relação afetiva com os netos, como ajudas na socialização deles e mesmo no sustento mediante suas contribuições financeiras.

A FAMÍLIA

O elemento comum que sempre tem definido a família é considerá-la como o grupo primário por excelência, célula da sociedade da qual faz parte e que, ao mesmo tempo, a constitui. Nela, são atendidas as necessidades básicas dos seres humanos, biológicas e afetivas, que preenchem o desamparo inicial.

Um pouco de história

No inicio da humanidade, denominava-se o estado social dos homens, de “comunismo primitivo”, pois inúmeros casais conviviam com seus filhos constituindo um lar comunitário, dirigido por mulheres e abastecido pelos homens para garantir a sobrevivência e preservação de todos. Dada a conformação dessas “famílias comunitárias”, não havia responsabilidades delimitadas entre os pais e os filhos.

O termo família vem do latim: *famulus*, que significa escravo doméstico, expressão que os grego-romanos criaram para definir um novo organismo social no momento em que surge a agricultura e a escravidão legal. Nessa época, predominava a estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe.

Na Idade Média, as pessoas começaram a se ligar por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. Dessas novas famílias, fazia também parte a descendência gerada que, assim, tinha duas famílias: a paterna e a materna; incluindo na família o que hoje se chama de família alargada . A família constituía uma realidade moral e social, de transmissão e preservação de bens comuns. Os filhos eram mantidos no lar até a idade de sete ou nove anos, quando eram afastados e transferidos para trabalhar em outras famílias, a fim de começar seu caminho de aprendizagem junto a outros adultos.

Com a Revolução Industrial, surgem no ocidente os casamentos laicos, e com a Revolução Industrial as famílias migram para perto das fábricas onde trabalham, dos complexos industriais, estreitando-se assim os vínculos na família reduzida ou família pequena. A educação dos filhos começa a ser partilhada com as escolas e os idosos deixam de participar da convivência cotidiana, sendo entregues às instituições sociais de assistência para o seu cuidado. Assim se separou o mundo do trabalho do mundo familiar, constituindo-se a dimensão privada da família contraposta ao mundo público.

Para Phillippe Ariés, a divisão das águas constitui-se no século XV com a criação das escolas, momento a partir do qual as crianças deixam de ser afastadas de suas famílias para seu aprendizado com os adultos. A partir daí passam a se formar em meios somente dedicados a crianças como as escolas e podem permanecerem nos lares familiares. A família deixa de constituir um lugar moral e social e passa a ser um espaço sentimental. “O clima sentimental era agora completamente diferente ... como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o

hábito geral de educar as crianças na escola.”¹ “A família moderna, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família.”²

Para o teoria marxista, a família tem um caráter histórico, social e cultural; assinala as diferenças existentes entre as famílias ricas e as famílias pobres. Engels, grande parceiro de Marx, pensa a família como instituição social historicamente determinada. Ele faz uma ligação do materialismo histórico dialético, relacionando-o com a monogamia para assinalar sua idéia de família burguesa patriarcal, em cujo centro encontra-se a figura do chefe, ou seja, o homem que exerce poder sobre a mulher, filhos e escravos. Descreve assim a mulher como a propriedade privada do homem na aliança.

No século XX, com a expansão das cidades e o trabalho assalariado das mulheres, inicia-se a ruptura do eixo que nucleava a família conjugal: a dependência econômica das mulheres aos homens. O modelo de família conjugal, nuclear e moderna (pai provedor e mãe dona de casa) começa assim a sentir rupturas. “Salário e pílula permitiram o começo da implosão da família tradicional”³. Tal família, fruto do Iluminismo, transmite valores igualitários e democráticos entre seus membros; aponta assim a igualdade de direitos dos homens e das mulheres. Com a saída das mulheres do lar doméstico, começam a se redefinir os papéis familiares.

Na década de 1960, com a difusão da pílula anticoncepcional, separou-se sexualidade de reprodução. A partir dos anos 80, com as novas tecnologias reprodutivas (inseminação artificial, fertilização *in vitro*), separam-se gravidez, e relação sexual entre homem e mulher. Ao redor de 1990, com a difusão do exame do DNA permite-se a comprovação biológica da paternidade.

O mundo externo, no século XXI, impõe a marca de rapidez, vertigem e liquidez: nada parece poder ser apreendido ou assegurado, pois, no momento em que as mudanças começam a ser pensadas, elas já se alteram. Assim também, a realidade parece não nos permitir pensar e conceituar as alterações, que se estabelecem por si sós, como

¹ ARIÈS, Phillip. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro LTC 1981. 232p.

² Op. Cit. 271p.

³ Ver MORAES Maria L. Q. de, “A Estrutura Contemporânea da Família”, In COMPARATO Maria C. M., MONTEIRO Denise de S. F., **A criança na Contemporaneidade e a Psicanálise**. Casa do Psicólogo, 2001, 19p.

deslocamentos. Essas características fizeram com que aparecesse um tipo de núcleo familiar diferente da tradicional formada por: pai, mãe e filhos.

No século XXI, os autores mostram como a concepção da família, baseada no parentesco e no casamento, deixa espaço para uma nova concepção, fundada no afeto; definem a família como uma constelação de pessoas interdependentes girando em torno de um “eixo comum”. Dessa forma, torna-se a família um lugar de intimidade e afeto. Elizabeth Roudinesco define a família contemporânea como: “frágil, neurótica, consciente de sua desordem, mas preocupada em recriar entre os homens e as mulheres um equilíbrio que não podia ser proporcionado pela vida social”⁴.

No debate contemporâneo, não se fala mais de família (no singular), mas sim de *famílias* (em sua pluralidade), pois se incluem as diversidades e complexidades apontadas anteriormente. Os momentos históricos e os contextos, ao se modificarem, impõem mudanças aos seres humanos.

Alguns autores descrevem a família do século XXI como a família desestruturada, mas dita nomeação parte do pressuposto de que a família nuclear tradicional: pai, mãe, filhos, é a família estruturada. Na procura de um olhar mais objetivo e descritivo como pesquisador; penso que a família contemporânea deveria ser designada como: *as novas estruturações familiares*.

A comparação feita entre família desestruturada e família estruturada nos enfrenta à idealização da passada família nuclear conjugal, baseada em um ideal de estabilidade e permanência no tempo, que produzia conforto e uma boa criação para os filhos, essa era a fantasia de família ideal. Em comparação com a família desestruturada, que partilha um sentimento de abandono, que surge na sociedade do século XXI, frente às novas formas de funcionamento social, e frente à solidão e individualismo que as grandes metrópoles submetem no convívio de seus habitantes.

Maria Rita Kehl descreve as novas formações familiares como endividadas em relação a uma estrutura ideal. Assim os pais, em função da dívida com a família perdida se consideram como insuficientes e fora do modelo que “deveria ser”. “Os pais e/os educadores, em dívida para com a família nuclear conjugal do passado, não conseguem

⁴ ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Op. Cit. 153p.

sustentar seu lugar de autoridade e responsabilidade na criação dos rebentos”⁵. A autora designa dita posição adotada pelos adultos responsáveis das crianças, como um abandono de responsabilidade e de autoridade, e o denomina como um “abandono moral”.

A família contemporânea é uma instituição democrática, horizontal, na qual o poder está descentralizado e repartido entre seus membros. Elizabeth Roudinesco diz: “esta família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, e na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado”⁶. “Cultura do narcisismo e do individualismo, uma religião do eu, uma preocupação com o instante, uma abolição fantástica do conflito e da história”⁷.

Esta conformação atual, não é sem consequências. Família, produto posterior de uma etapa antifamiliarista e antiautoritária dos anos 70. Será essa a família que ingressa no século XXI para nos surpreender e fazer pensar na sua configuração?

Nas famílias contemporâneas nos defrontamos com um enfraquecimento da função paterna, função que parece ir perdendo sua capacidade simbólica e simbolizante na hora de transmitir cultura de geração em geração; e uma ampliação de força, presença e simbolismo estabelecido por figuras maternas. Ao pai vão se outorgando mais funções maternalizantes, no mesmo momento em que as mulheres não são mais obrigadas a ser mães, pois tem o controle da procriação a traves do aborto. Roudinesco descreve esse movimento como ‘o poder das mães’.

Algumas das novas famílias da atualidade são os casais homossexuais com desejos de adoção de filhos; as famílias monoparentais; as mães solteiras; ou mulheres que optam por uma produção independente, com as novas técnicas de fertilização in-vitro; congelamento de esperma e clonagem, etc. Surgem famílias produto dessas técnicas.

Para as diferentes ciências

⁵ COMPARATO M, C. M. e MONTEIRO D, de S.F. *A criança na Contemporaneidade e a Psicanálise*. KEHL, M, R “Lugares do Feminino e do Masculino na Família”. Casa do Psicólogo SP, 2001. 37p.

⁶ ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Op. Cit. 155p.

⁷ ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Op. Cit. 160p.

Para as Ciências Sociais em geral, a família se define como o grupo de indivíduos unidos por sangue, adoção ou aliança socialmente reconhecida e organizados em núcleos de reprodução social.

Para a Sociologia, a família é um termo com vários sentidos. Pode designar tanto o indivíduo ligado pelo sangue e pela aliança, como a instituição que rege esses laços. Durkheim acentua a importância do vínculo conjugal nas famílias da sociedade ocidental. Afonso e Filgueiras⁸ definem a família “como um sistema em troca permanente com o seu meio, que recebe pressões sociais, mas que, também, através das soluções cotidianas, dos pequenos e grandes rearranjos nas relações interpessoais, inventa cultura”. Em suma, a família é tomada como mediadora entre o indivíduo e a sociedade.

O olhar sociológico sobre a família descreve-a como uma instituição repressiva, chamada por Adorno e Horkheimer como “família burguesa”, sendo a mesma um instrumento que instalaria seus membros no sistema de produção com sua força de trabalho dentro de uma ética do trabalho, pertencente ao universo do trabalho assalariado. Também vêm na família o espaço no qual a intimidade e as relações calorosas vão se desenvolver. “Justamente a esfera da intimidade, que pareceria decisiva para definir a família, é de natureza social, e não pode separar-se do princípio do trabalho assalariado que vai triunfando na época do desenvolvimento da sociedade burguesa”⁹.

Tanto para a Sociologia quanto para a Demografia, a definição de família leva em conta as pessoas que residem juntas em um lugar de moradia compartida.

A Antropologia diverge no seu olhar, pois de acordo com essa ciência, a família é estudada como a organização de um grupo de pessoas com qualquer tipo de relação de parentesco, independente do lugar de moradia.

Claude Lévi-Strauss¹⁰ diz que “o que diferencia o homem do animal é que, entre os humanos, uma família não poderia existir se primeiro não houvesse uma sociedade – pluralidade de famílias que reconhecem a existência de laços além dos da

⁸ Ver Afonso e Filgueiras (1996:322). Apud SANTOS, Azevedo dos, ADORNO, Ferreira. “Um ensaio sobre família (s) e suas intersecções”. In AGOSTINHO, Marcelo, SANCHEZ, Tatiana, orgs. **Família: Conflitos, reflexões e intervenções**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. 76p.

⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo, Edusp, 1976, 72p.

¹⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa, Edições 70, 1986, 88p.

consangüinidade – e que o processo natural de filiação não pode seguir o seu curso senão integrado no processo social da aliança”.

A família é o fenômeno social por excelência: instituição profundamente humana. A família sempre foi a instituição na qual os homens aprendem a se socializar ao mesmo tempo em que a socializam, em um movimento que se retro alimenta. A socialização implica ordenar, estabelecer categorias, estruturar uma vida organizada dos sujeitos na sociedade.

Levi-Strauss, para definir família, reúne conceitos antropológicos a respeito de parentesco, conceitos da Lingüística de Saussure e da Psicanálise, visando demonstrar como a família biológica é uma abstração indeterminada que não tem nenhuma relação com a realidade histórica. Diz-nos:¹¹ A família “expressa a passagem do fato natural da consangüinidade para o fato cultural da afinidade”, ou seja, é a cultura que define o lugar e o papel da biologia naquilo que se chama família. “O papel primordial da cultura está em garantir a existência do grupo como grupo e, portanto, em substituir, neste domínio como em todos os outros, a organização ao acaso”. Em uma outra passagem, diz: “Todo casamento, portanto, é um encontro dramático entre a natureza e a cultura, entre a afinidade e o parentesco”¹².

Levi-Strauss ao falar do sistema de parentesco o define como um sistema de troca de mulheres pelos homens, constituindo-se assim na instituição que inaugura o princípio da troca e da reciprocidade.

O Direito, propriamente o direito de família, discorre sobre uma evolução da família e uma mudança nos padrões que prevalecem na sociedade. Fala-se sobre a mudança do antigo modelo de família patriarcal, como unidade centrada no casamento indissolúvel e com vistas à procriação. Na família contemporânea eliminam-se hierarquias; o matrimônio baseia-se na liberdade de escolha fundada no afeto que cria um patrimônio comum. O casamento fica então dissociado da legitimidade dos filhos, pelos quais os pais são co-responsáveis. Aline Delias de Sousa¹³, na ótica do direito, comenta: “a família nesse cenário passou a ser opção e não determinismo”. A família nuclear é

¹¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo, Edusp, 1976. 72p.

¹² LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. São Paulo, Edusp, 1976. 530p.

¹³ SOUSA, de Aline Delias, “A Família Informal: As Novas Espécies de Família não fundadas no casamento”. Ver. Esc. Direito, Pelotas, Jan-Dez 2005, 446p.

<http://www.ucpel.tche.br/direito/revista/vol6/13Aline.pdf>

também definida como aquela composta pelas pessoas que habitam a mesma residência, geralmente os filhos dependentes e os pais.

“No Brasil, a Constituição Federal de 1988 institui duas profundas alterações no que se refere à família: 1) a quebra da chefia conjugal masculina, tornando a sociedade conjugal compartilhada em direitos e deveres pelo homem e pela mulher; 2) o fim da diferenciação entre filhos legítimos e ilegítimos, reiterada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) promulgado em 1990, que os define como “sujeitos de direitos”. Com o exame do DNA, que comprova a paternidade, qualquer criança nascida de uniões consensuais ou de casamentos legais pode ter garantidos seus direitos de filiação, por parte do pai e da mãe”¹⁴.

Até aqui, detive-me no olhar de outras ciências que estudam a família partindo de um ponto de vista próprio e peculiar. Podemos sublinhar vários conceitos comuns relacionados à família: instituição social, sistema de redes, lugar de moradia comum, parentesco, aliança, sangue, adoção, filiação, ordenamento social, da natureza à cultura, grupo primário por excelência...

A família no olhar da Psicanálise

O olhar psicanalítico enxerga o inconsciente como sustentáculo do sujeito e seus vínculos; esse olhar vai além do que acontece aqui e agora.

A Psicanálise tradicional coloca o olhar no indivíduo focalizando-o a partir de seu mundo intrapsíquico. A Psicanálise das Configurações Vinculares (teoria com a qual eu trabalho) parte de uma clínica pluripessoal que desenha um inconsciente vincular.

A Teoria das Configurações Vinculares pode ser entendida como um estudo psicanalítico dos vínculos e uma ampliação da Psicanálise tradicional freudiana. A Psicanálise vincular implica um outro olhar, como uma outra forma de se aproximar do outro. O outro sujeito é o alheio; por isso merece respeito por ser um outro diferente de mim. Juntamente com o outro, eu participo de uma mudança na vinculação; modifico-me junto com ele.

Família

¹⁴ SARTI, Cynthia A. “Famílias enredadas” In **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. VITALE, Ma Amália, ACOSTA, Ana (org) IEE / PUC SP 2002. 24p.

A família apresenta-se como o lugar estruturante para cada um dos sujeitos que a conformam do ponto de vista intersubjetivo, assim como de estruturação para o psiquismo individual de cada um de seus membros.

Também oferece características específicas já que nela se entrelaçam e interagem vínculos de aliança, de filiação, e de consangüinidade, incluindo os laços fraternos. Esses vínculos criam uma rede fantasmática inconsciente que inclui a todos seus integrantes. Essa organização complexa integra níveis psíquicos individuais e plurais, articulados em função de pactos, acordos e contratos inconscientes estabelecidos entre eles.

Na constituição da família, temos o exemplo máximo de atribuição e constituição de lugares e funções, dentro do vínculo pais-filho. Os pais só se tornam pais quando seu filho os constitui; e esses se constituem com aquele. Um nomeia o outro: eles só se constituem na mutualidade. A formação do psiquismo familiar, neste caso, aparece como veículo para a constituição tanto do psiquismo infantil, quanto do psiquismo adulto parental. Uns se formam somente se os outros estão lá para se assinalarem e se nomearem como tais.

A família — por meio dos membros que a constituem — é o lugar por excelência onde os valores de uma dada cultura aparecem para serem produzidos e veiculados. Poderíamos designá-la como lugar de atravessamento e produção de cultura, lugar esse que, por sua vez, funciona como filtro para os valores culturais.

A fundação de uma família marca um novo momento de constituição narcísica, tanto para a família, como vínculo estável constitutivo do parentesco, quanto para o sujeito que forma parte de dita família. O sentimento de pertença a uma dada família forma parte da constituição narcísica do sujeito, assim como fortalece o sistema de pertença à mesma. A família está atravessada por dogmas, crenças e valores que dão o marco para estruturar as identificações.

Agora poderíamos nos perguntar: Como se constitui uma nova família? Primeiro através da conformação do casal, que a partir do século XX, começa a se construir sobre o amor recíproco dos conjugues. Assim se dá uma escolha peculiar que inicia as bases desse vínculo novo, constituindo-se o: *vínculo do casal*, como estrutura que liga, abarca e envolve aos sujeitos que o conformam. Os autores criam o conceito de *zócalo inconsciente* (rodapé inconsciente) como a base que se constitui ao se formar o casal,

sobre a qual irá se construir depois o vínculo. O conceito de *zócalo inconsciente* designa “a estrutura profunda reguladora do casal, o subjacente a todas as modalidades de interação ao nível do observable”.¹⁵ Toma-se esse conceito da arquitetura, sendo o rodapé que contorna o espaço que desenharia uma área só deles. O dicionário Aurélio define base como: ”Tudo quanto serve de fundamento, apoio ou sustentáculo”.

Cada membro do casal comparece a dito casamento com um sistema de crenças, dogmas e ideologias provindo das famílias de origem de cada um. Tendo em conta essa construção anterior, providente das famílias de origem, poderíamos dizer que a família se constitui antes ou conjuntamente com a conformação do casal matrimonial. Cada um dos que conformam o casal já providenciam modelos de conformação familiar inconsciente e trazem esse modelos para assim se confrontarem com os do parceiro para fazer parte de uma nova estrutura de configuração familiar inconsciente. Esses modelos que cada sujeito traz ao vínculo poderiam ser chamados também de “mapa”, como se fossem referentes internos que orientam a cada sujeito e que contem a história dos vínculos anteriores. Essa é a bagagem com que os sujeitos advêm a formar qualquer tipo de vínculo, e neste caso, o vínculo familiar.

Para constituir uma nova família é necessário colocar em suspenso os ideais das famílias previas para conformar uma outra família. Dessa forma vai se conformando uma ilusão que inclui a todos os membros da família; o afeto comum é a de ter a mesma ilusão como membros desse conjunto em formação. Isto marca novas pertenças na constituição desse novo ato psíquico que institui esse novo vínculo familiar. A ilusão é estruturante do conjunto, e a nova ilusão só pode ser concebida se a ilusão anterior se torna inconsistente por isso constroem uma nova. Algumas das ilusões providentes das famílias de origem podem ser inclusas na nova ilusão familiar se são aceitas pela nova família em constituição, mas outras serão abandonadas para deixar espaço à nova constituição.

Se voltássemos à metáfora dos “mapas” que cada sujeito aporta ao vínculo, poderíamos dizer que para constituir uma nova família teriam que ser quebrados os mapas anteriores para constituir um próprio mapa dessa família mesma. Na hora de quebrar o mapa para cunhar um novo, não tudo o que formava parte do mapa anterior

¹⁵ 50 años de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1^a ed. Bs As. Ediciones Del Candil AAPPG 2004 In. PUGET, Janine, BERENSTEIN, Isidoro. *Psicoanálisis de la pareja matrimonial*. Ed.Paidós1981.

muda, estaríamos traçando um esquema intermédio entre a criação de uma situação inteiramente nova e a designação de uma situação que esteja somente determinada pelo passado. Se a pergunta fosse como se cria uma situação vincular familiar? Poderíamos dizer que o passado não substitui a situação nova, os dois estão presentes. Assim se define a configuração familiar como uma estrutura em movimento.

As famílias estão atravessadas por sistemas de crenças que são contidas no relacionamento familiar. O sistema de crenças define como o mundo é concebido para eles e como eles são, o que é aceito e compartido para eles e o que não é; tem a ver também com o modo em que a família enxerga o mundo.

Em toda família dois tipos de vínculos fundamentalmente instituem subjetividade nos sujeitos: o vínculo matrimonial, no qual é esperável que se produza novidade como algo não esperado na estrutura previa; assim como o vínculo entre pais e filhos que é um vínculo que cria estrutura por excelência.

Em resumo: “A família é uma produção humana, basicamente simbólica, e é por sua vez um fator de humanização que tem por função transmitir esse simbólico”.

Família define uma rede de relacionamentos entre sujeitos atravessados pelo parentesco, subjazendo uma matriz vincular inconsciente que os abarca. A matriz está construída por funções, lugares e posições, em que cada um dos membros se coloca a si mesmo ao respeito dos outros integrantes.

O lugar por excelência em que o sujeito se constitui como outro, com outros, é na família.

Adolescência

A adolescência é uma etapa evolutiva que pode ser separada em três fases: a puberdade, a adolescência propriamente dita e a juventude.

Françoise Dolto é uma psicanalista francesa que iguala a adolescência ao período em que a lagosta deve mudar sua casca para poder crescer, deixando as vulneráveis nesse período de mudança. A lagosta perde sua proteção e tem que gerar outra. Assim, o adolescente assemelha-se ao animal na intempérie, já que perde a sua cobertura infantil, seu corpo de criança, conhecido e assegurador, para ficar sem proteção até poder criar uma outra roupagem adequada a sua própria evolução.

Todas as mudanças para as quais os adolescentes se vêm empurrados fazem com que precisem remodelar suas bases de sustentação; precisam de redes que os apóiem para possibilitar a mudança; não podem ficar sem a roupagem infantil anterior, sem proteção para gerar uma roupagem nova. Se Freud define ao ser humano como um ser que nasce indefeso originário desde o nascimento, a adolescência é outro momento, a mais, nesse desamparo. Sem cobertura, precisam das redes de sustentação para não cair fora do laço social. Essa é a função da família no momento adolescente, dar sustentação.

Winnicott um psicanalista inglês, quando os pais lhe perguntavam o que podiam fazer para ajudar a seus filhos adolescentes, falava que eles tinham de resistir; que a tarefa mais dura e importante era mostrarem-se vivos e fortes para sustentar os embates pulsionais dos jovens; que os pais se colocassem como se fossem um frontão.

Metáfora de Eduardo Galeano, do olheiro, ceramista.

“Ventana sobre la memoria” **El libro de los abrazos**

Eduardo Galeano

“Então ocorre a cerimônia da iniciação. O ceramista velho, Oferece ao ceramista jovem sua melhor peça. Assim manda a tradição, entre os índios do noroeste de América.

O artista que se vá, faz entregue sua obra mestra, ao artista que se inicia.

E o ceramista jovem não guarda essa vasilha perfeita para olhá-la e admirá-la, mas a estrela contra o solo, a quebra em mil pedacinhos, recolhe os pedacinhos e os incorpora a sua argila”.

“Entonces ocurre la ceremonia de la iniciación: El alfarero viejo, ofrece al alfarero jóven su pieza mejor. Así manda la tradición, entre los indios del noroeste de América.

El artista que va, entrega su obra maestra al artista que se inicia.

Y el alfarero joven no guarda esa vasija perfecta

para contemplarla y admirarla,
sino que la estrella contra el suelo, la rompe em mil pedacitos,
Recoge los pedacitos y los incorpora a su arcilla”.

(Tradução livre da autora)

O jovem se encontra sustentado na sua configuração familiar, quando o filho se faz adolescente a família também muda de ser uma família de crianças a ser uma família de jovens.

Exemplo: Os pais são necessários como pais não como amigos. Se os pais viram amigos os filhos viram órfãos. (Desmistificar isso).

Exemplo: Que pena que meu pai não me deixou continuar sonhando e me conto de uma realidade que eu não perguntei.

As fantasias sustentam a sexualidade do adolescente até ser concretizada. As fantasias permitem ter um percurso psíquico para ir adaptando-se aos câmbios e mudanças corporais.

As famílias de alto poder aquisitivo tem filhos adolescentes com uma dependência econômica muito prolongada no tempo, pois os jovens vêm na sociedade a necessidade de se profissionalizar até mais tarde e isso impede a sua autonomia financeira e laboral.

Nas famílias de baixa renda, os filhos, somado a pouca profissionalização que eles obtêm, acham-se sem uma rede de sustentação que os ajude a aceder ao mercado laboral. A rede de sustentação passa de ser a família para ser a rua junto aos outros jovens da rua, espaço onde podem se bordar os limites dos riscos. Os jovens precisam dos outros iguais para se parecer e se constituir, assim como dos outros da família para se identificar como seres adultos, mas frente à ausência de modelos familiares esses outros são procurados fora para se identificar.

Exemplo: Caso UNIFESP: Menina namora traficante da boca de fumo, a mãe fica angustiada, mas a menina não apresenta angustia, ela não percebe o perigo por ser a rua o âmbito dela para ser. Mãe hiper controladora não a deixa crescer, controla como se veste.

Os momentos de ócio e os lugares onde eles podem passar seu tempo livre são espaços terceiros de intermediação para crescer e se constituir (colégio, igreja, clube). Resulta importante que esses espaços estejam presentes como possibilidade para que a rua não fique como o único lugar onde ser aconchegado e acolhido. (O grupo dos pares Cristina Corea. Ritos de iniciação que os jovens passam para formar parte desses grupos. Ritos de passagem para serem parte.)

Como ajudar aos jovens:

1. Ensinar-lhes a aprender a escolher, a exercer sua capacidade crítica e sua habilidade argumentativa.
2. Estabelecer a possibilidade de diálogo como instância para pensar com outro e sobre si mesmo.
3. Não fugir, aparecer como pessoas disponíveis para escutar, ainda que sem ter as respostas certas.
4. Agir sem se colocar no lugar da pessoa que sabe tudo, mas sim da pessoa que se acha disponível para ouvir ainda que sem ter a obrigação de responder a coisa certa.
5. Funcionar para o jovem como rede de sustentação tanto para sua constituição intrapsíquica quanto em substituição, quando não houver, de amparo social-familiar.
6. FUNDAMENTALMENTE prestar-se como escutas com ouvidos abertos, espaço no qual o fundamental não é o que respondemos, mas sim, como escutamos para permitir-lhes ir se constituindo na fala com outros disponíveis. Dessa forma, não os deixamos se sentirem sozinhos frente a tantas mudanças.

É só fazer eles se sentirem que andam de mãos dadas com pessoas que pensam neles e que os levam em consideração.

Famílias Monoparentais

As famílias monoparentais se nos apresentam como os novos tipos de famílias contemporâneas. Essas famílias constituem-se geralmente com uma figura parental única. Há, portanto, uma alteração do modo tradicional e freqüente da parentalidade, constituída geralmente por dois, que representam os dois doadores da genética dos filhos. Tentaremos nos aprofundar na estrutura familiar inconsciente que conforma o conjunto e subjaz aos relacionamentos familiares, através de um caso clínico.

Exemplo: A FAMÍLIA NA QUAL O TÍO É CHAMADO DE PAI.

Como psicanalista familiar, eu estava aguardando a primeira consulta de uma família que a psicanalista de jovens, colega da equipe tinha me encaminhado, mas sem conhecer a problemática que dirigia o encaminhamento. Quando abri a porta, muitas

pessoas começaram a entrar sem sequer se apresentar; eles não me cumprimentaram. Parecia que entravam em um lugar conhecido. Eu estava um pouco decepcionada, pois não aguardava tantas pessoas e não tinha idéia que tantos meninos iam comparecer. Sentaram-se frente a mim, duas mulheres — uma de mais idade —, três crianças pequenas e um adolescente que se sentou de lado. Quando decido começar a me apresentar, as duas mulheres adultas falam: “**Ainda o tio não chegou, vamos aguardar por ele**”. As crianças movimentavam-se inquietas; a adulta jovem tentava segurá-las e gritava para que ficasse quietas nas cadeiras designadas por ela. Na espera do tio, ninguém falava. Somente as crianças corriam e conversavam entre elas. Era um silêncio, por momentos, difícil de suportar, fundamentalmente porque eu não sabia a causa da espera.

A menina menor senta-se à minha frente, olha pra mim e me fala: “Meu avô morreu. Cadê o pai?”.

Eu pergunto repetindo a sua pergunta: “Cadê o pai?”.

A adulta jovem fala: “**O tio já está chegando**”.

A apresentação dessa família no espaço físico do consultório, fala deles, muito mais que todas as palavras das quais eles fizeram uso quando o tio, habilitador familiar do uso da palavra, entrou para ser visto por mim. Eles falam de uma desorganização interna, de um conjunto sem bordas, sem forma, sem diferenças. Quem é quem neste conjunto de pessoas? Ninguém se interessa. A psicóloga pergunta pela colocação numa árvore genealógica, mas, desenhada pelo imaginário social, essa conformação familiar parecia não *atravessá-los* (não era conhecida por eles). Quem é quem? Essa pergunta vai dirigida à biologia, a genealogia? Eles não conhecem essa linguagem. A pergunta deve girar em torno de suas cabeças.

Como teriam eles que ser agrupados como família? Qual é a família deles? Parecem não reconhecer diferenças de geração Nem o contexto — do consultório — faz a diferença porque pareces não ser visto como diferente. Todos os espaços são iguais. Todas as pessoas possuem ordenamentos arbitrários. Poderíamos definir esta como uma família com desajustes e dificuldades na contextualização. A confusão foi grande para a analista que os olhava como quem desejasse compreender mais sobre eles.

Quais são as marcas que as distintas gerações impõem as outras? As bordas das gerações definem um contorno familiar com rupturas, a partir das quais a geração mais velha dá passo à geração mais jovem, habilitando-os para um crescimento pessoal. É certo que uma mãe e um pai somente podem reconhecer-se como tais, quando seus respectivos pais marcam um lugar vazio para ser ocupado pelas próximas gerações, e essas gerações tomam o lugar parental pertencente a eles. O nascimento de um neto parece marcar um antes e um depois para essa geração que se constitui em um outro lugar. Parece que eles sobem a outra escala na linha geracional ao se constituírem como avós.

Esse movimento de ruptura se faz pelos novos integrantes da família, os filhos que nascem e os pais que, de certa forma, nascem também. Há um momento de ruptura entre gerações. Todos são novos constituintes.

Somente existe mãe, pai e irmãos quando existe filho e vão se constituído aos poucos, mutuamente. Mas isso implica movimentos importantes a serem feitos nas outras camadas geracionais. Essa árvore genealógica vai se constituindo como um quebra-cabeça ou caleidoscópio que toma a forma que a família vai dando para seus membros constituintes.

Não é só a consangüinidade que nos leva a considerar um agrupamento, uma família. O ato de realidade que é o nascimento de uma pessoa marca no seio de uma família um antes e um depois. Assim, a gravidez de uma filha marca um tempo anterior e outro posterior. Mas se as diferenças entre as gerações não são respeitadas e são apagadas e esvaziadas, não haverá clareza de que avôs são avôs, pais são pais e filhos são filhos. Quando isso acontece, essas funções são trocadas: um avô pode assumir a função paterna, desrespeitando o lugar do pai que não toma a função paterna em suas mãos; um filho pode também tomar a função paterna e dirigir uma família de acordo com seus desejos... Tal fato leva a uma confusão não só das funções dentro da família como também dos lugares a serem ocupados por seus membros.

A pergunta de como a realidade familiar se constitui para cada um se nos apresenta, nesse momento, com muita força.

Retomando o caso clínico:

O tio entra em cena e parece autorizar a palavra a todos. Agora todos eles podem falar.
Apresentam-se, os meninos primeiro.

Menina: Valéria, 3 anos.

Menino: Pedro, 4 anos.

Menino: Jaime Peres Guimarães, 7 anos.

Jovem: Miguel, 14 anos.

Homem: Tio Ricardo, 30 anos.

Terapeuta: E vocês? (dirigindo-me às mulheres).

Mulher: Ester, tia, irmã do tio.

Segunda mulher: Rose a mãe.

Tio: "Nós estamos aqui, porque Miguel é o problemático; ele traz a bagunça na família. Imagine que ele fugiu da minha casa e foi para a casa delas".

A informação começa a me confundir e eu fico também perdida, como todos eles pareciam estar dentro dessa família. Começo a não compreender quem é quem. As pessoas fogem de uma casa para ir para a casa do outro sem estabelecer a distinção de casa como lugar de pertença. Desconhecem o uso do pronome possessivo que marca a diferença quando é atribuído a cada um; marca um lugar de posse que assegura e desenha raízes para cada um, marca uma “minha” casa e uma “tua” casa como distintas.

Rose: Minha mãe e Roberto, o outro tio que mora com a gente, não conseguiram vir. (respondendo para a menina que fez a pergunta) O avô faleceu.

Tio: O Miguel está sempre brigando e isso não pode ser. Miguel briga com minha filha. Na casa, moramos eu, minha esposa e minha filha (tom agressivo, diria quase expulsivo). Eu tive que mandar ele para a casa da mãe para morar lá.

Terapeuta: Valéria perguntou quem era o pai.

Miguel: (dirigindo-se a mãe) Quem é meu pai?

Rose: Seu pai é Marcos.

Terapeuta: Poderiam esclarecer um pouco mais?

Tio: Eu criei o Miguel, minha irmã estava em uma grande depressão. Tomava Aldol. Então eu o criei.

Rose: O Marcos foi embora em quanto eu engravidiei. Eu também fiquei deprimida depois do nascimento da Valéria. Eu não consigo dominar eles e não consigo dominar a mim mesma. Estou em tratamento psiquiátrico faz muitos anos.

Tia: Falam que ela tem esquizofrenia.

A família mostra certas constantes que a constituem: o espaço físico de moradia, os nomes próprios, a novela familiar, etc. Esta família parece carregar uma história sem diferenças intergeracionais nem transgeracionais; não se apresenta atravessada por uma lei que os organize. Um tio pode vir a ser um pai, uma tia pode gritar e indicar como seus sobrinhos devem se comportar na frente da mãe, uma mãe pode vir a ser somente a genitora. Por isso Rosa quase não se faz escutar.

O tio continua acusando Miguel que se coloca cada vez mais longe de todos, olhando pela janela. O menino é interpelado por todos porque parece não prestar atenção à fala.

Eu sinto contratransferencialmente a angústia crescendo em relação ao alijamento do Miguel e sua pretensa rejeição da família.

Tia: Estamos te falando. Por que você não presta atenção?!

Terapeuta: Ele está prestando atenção a seu modo.

Tia: Ninguém pode demonstrar o carinho por ele.

Terapeuta: Miguel, você gostaria de fazer carinho em alguém em especial neste momento?

Miguel senta-se em uma cadeira junto a sua mãe, coloca seu rosto no colo dela e começa a chorar.

Poderíamos considerar esse momento como constituinte do vínculo materno-filial, quando Miguel toma o que lhe pertence que é o colo da sua mãe para chorar frente a seu desamparo e ela o outorga recebendo-o. Esse ato de constituição vincular familiar também é feito com testemunhas oculares que são os tios, representantes da família de origem materna que presenciam esse ato constitutivo. A família de Rose e seus filhos, começa a se constituir em transferência e dentro do tratamento. Desse modo, tanto Rose quanto Miguel e seus irmãos se outorgam mutuamente os lugares de mãe e filhos, e irmãos.

Esse foi o momento inicial de construção da nova estruturação familiar entre mãe e filhos, tanto os que sempre moraram com ela, quanto Miguel, que foi excluído do contato materno.

Estrutura familiar inconsciente dessa família monoparental

A mãe está colocada em um lugar de muita fragilidade, por sua patologia individual; seu lugar de mãe não é reconhecido pelos demais membros de sua família. Escolhe ser mãe

sem um parceiro ao lado, já que os outros filhos são de relacionamentos ocasionais. Esse tipo de vínculo desenha uma estrutura familiar inconsciente em que o lugar parental está ocupado pela mãe por um lado e a sua família de origem por outro.

Esse núcleo familiar estava se constituindo nesse momento. Rose e seus filhos estavam se fortalecendo e começando a se construir como família.

Com muito caminho por percorrer começamos o tratamento.

Psicóloga Lisette Weissmann

Rua Atílio Innocenti, 1058. Vila Olímpia.

CEP 04538-002 São Paulo. SP.

Tel: (11)38458990, (11) 94316233.

Email: lisettewbr@yahoo.com.br

RESUMO

A família é considerada como o grupo primário por excelência, célula da sociedade da qual faz parte e que, ao mesmo tempo, a constitui. Nela, são atendidas as necessidades básicas dos seres humanos, biológicas e afetivas, que preenchem o desamparo inicial.

A família apresenta-se como o lugar estruturante para cada um dos sujeitos que a compõem do ponto de vista intersubjetivo, assim como de estruturação para o psiquismo individual de cada um de seus membros. Na constituição da família, temos o exemplo máximo de atribuição e constituição de lugares e funções, dentro do vínculo pais-filho. Os pais só se tornam pais quando seu filho os constitui; e esses se constituem com aquele. Um nomeia o outro: eles só se constituem na mutualidade.

Os momentos históricos e os contextos, ao se modificarem, impõem mudanças aos seres humanos. O mundo externo, no século XXI, impõe a marca de rapidez, vertigem e liqüidez: nada parece poder ser apreendido ou assegurado, pois, no momento em que as mudanças começam a ser pensadas, elas já se alteram. Assim também, a realidade parece não nos permitir pensar e conceituar as alterações, que se estabelecem por si sós, como deslocamentos. Essas características fizeram com que aparecessem novos tipos de famílias, diferente da tradicional formada por: pai, mãe e filhos.

No século XXI os autores mostram como a concepção da família baseada no parentesco e o casamento deixa espaço para uma nova concepção fundada no afeto, definindo a família como uma constelação de pessoas interdependentes girando em torno de um “eixo comum”, assim a família se torna um lugar de intimidade e afeto.

No debate contemporâneo não se fala mais de família (no singular), mas sim de *famílias* (em sua pluralidade), pois se incluem as diversidades e complexidades apontadas anteriormente.

Os adolescentes encontram-se em um tempo de mudanças, por isso têm necessidade de sustentação, precisam de redes que os apóiem para possibilitar a mudança, não podem ficar sem a roupagem infantil anterior sem proteção para gerar uma roupagem nova. Se Freud define o ser humano como o ser que nasce indefeso, a adolescência é um outro momento a mais desse desamparo. Os jovens se encontram sem cobertura e precisam das redes de sustentação da família para não cair do laço social.